

Sarney retoma alianças para voltar ao Planalto

Roberto Lopes
Da equipe do Correio

Carlos Moura 17.11.93

14 JAN 1996

São Paulo — O presidente do Senado — e ex-presidente da República —, José Sarney, está recompondo antigas alianças políticas, de olho na sucessão presidencial em 1998.

Os maiores problemas consistem em superar diferenças surgidas na última campanha presidencial, em 1994. Nesse sentido, Sarney consolidou a reaproximação com o senador Íris Rezende (PMDB-GO).

Em 1993, o senador goiano permitiu que sua mulher (que também se chama Íris) fosse candidata à vice-presidência na chapa encabeçada pelo ex-governador de São Paulo Orestes Quércia.

A recomposição com Íris, o senador, dono de forte apoio popular em seu estado, contou com a intermediação de sarneyzistas fiéis, como o ex-governador maranhense — atual senador — Édison Lobão.

Custo — Ele diz que “Sarney vê com bons olhos a Presidência da República, mas não será candidato a qualquer custo”.

Isto quer dizer que o ex-presidente ainda se reserva o direito de avaliar todas as dificuldades que terá para chegar a candidato presidencial.

Parte importante desses problemas residem em São Paulo, e atendem pelo nome de Orestes Quércia.

Em 1993 Sarney perdeu no voto, para o ex-governador, o direito de candidatar-se à presidência pelo PMDB. Derrotado, ele brandiu pesquisas de opinião pública que o situavam com melhores chances junto ao eleitorado, e previu, publicamente, o fracasso do companheiro de partido.



Sarney: seu maior problema é Quércia

“Traidor” — Quércia sucumbiu de forma humilhante nas urnas e hoje, em conversas privadas, chama Sarney de “traidor”.

Em 1986 Quércia elegeu-se para o governo paulista com o apoio de Sarney, e depois retribuiu a ajuda, respaldando a ação do Executivo no Congresso.

Na tarde de quarta-feira passada, um amigo íntimo do ex-governador explicou que, para seu chefe, não há nenhuma vantagem em reeditar esse tipo de aliança, de médio ou longo prazo.

Quércia está convencido de que Sarney não é um aliado confiável. Contudo, seu colaborador deixa uma porta aberta, lembrando que Quércia é um político frio, pragmático. Para ele, o ex-governador se sensibilizaria caso José Sarney arrastasse o PMDB para fazer oposição ao governo Fernando Henrique Cardoso.

Ex-ministro é o radar

São Paulo — Em São Paulo, o “radar” mais confiável à disposição de Sarney para medir a receptividade de seu nome junto ao público é o jurista Saulo Ramos, seu ex-ministro da Justiça e dono de um dos mais caros e prestigiados escritórios de advocacia da capital paulista.

O senador maranhense Édison Lobão (PFL) informa que pesquisas do Ibope encomendadas pelo presidente do Senado revelam, em São Paulo — maior colégio eleitoral do país —, uma boa aceitação de seu nome para a Presidência da República.

Saulo é muito mais contido: “pode ser verdade nas camadas mais carentes, que se recordam de programas assistenciais importantes do governo Sarney, como o do leite, mas fora daí há problemas, especialmente na Fiesp”, afirma. Nenhuma surpresa.

Sarney tem o perfil do político anti-privatista. É adversário da venda da Companhia Vale do Rio Doce e,

dessa forma, encarna tudo o que a importante Federação das Indústrias do Estado de São Paulo mais critica.

Futuro — Aos 66 anos, Saulo Ramos admite que seu futuro está fatalmente ligado ao de Sarney — “se ele for Presidente, estou condenado a ser seu ministro” —, mas garante que não se empenhará na empreitada.

“Eu estaria impedido de articular a campanha presidencial dele aqui em São Paulo, porque sou contra a causa”, assegura o jurista, sorrindo.

“Para que ser governo? Eu detesto o governo. Você abre o jornal diariamente e só vê governo, só lê sobre o que o governo pensa e faz. É um absurdo. O Brasil viveria muito melhor com menos governo”, argumenta ele.

“Além disso, estou convencido de que a verdadeira arena do Sarney é o Parlamento. Ele é um dos maiores articuladores políticos deste país”, afirma o ex-ministro. (RL)

CORREIO BRAZILIENSE

14 JAN 1996